

FORMAS DE DIVISÃO SOCIAL ENTRE LEITORES E NÃO-LEITORES: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE A LEITURA E SEUS USOS NO ÂMBITO DA POLÍTICA BRASILEIRA

Luzmara Curcino Ferreira¹

Em conjunto com pesquisadores do LIRE - Laboratório de estudos Interdisciplinares das Representações do leitor brasileiro contemporâneo², temos nos dedicado a levantar e a analisar regularidades e peculiaridades na circulação de discursos sobre a leitura, assim como em seu exercício por comunidades leitoras da atualidade.

Esses discursos e práticas de leitura, cuja emergência, circulação e atualização são tributárias de temporalidades e de razões socioculturais e técnicas diversas, podem ser descritos a partir da apreensão de indícios materiais diversos (linguísticos ou não) obtidos graças à análise de fontes variadas. Uma delas diz respeito a textos de gêneros variados e com objetivos distintos que, embora não focalizem centralmente o tema da leitura, evocam-na em seu valor simbólico, para promover ou criticar instituições, comportamentos e também certos sujeitos de que objetivamente pretendiam abordar.

Essa evocação deve-se ao valor simbólico bastante eufórico de que dispõe a leitura entre nós, fruto de certos consensos culturais que internalizamos historicamente a respeito do que é ser leitor e de quais são as práticas e objetos desse domínio considerados legítimos.

Pierre Bayard (2007) aborda pelo menos três consensos gerais acerca da leitura que vigoram em sociedades letradas do Ocidente. O primeiro refere-se à necessidade de ler (é preciso ser leitor numa sociedade em que a escrita adquiriu papel distintivo de indivíduos); o segundo, à necessidade de ler com frequência (ler

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr, Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar e coordenadora do LIRE.

² Cf. www.lire-ufscar.com.br, para acesso a informações e trabalhos dos pesquisadores do grupo.

sempre, muitos livros e em sua totalidade, de modo a se integrar a uma sociedade da informação e da ostentação da condição de ser bem (in)formado); o terceiro, à necessidade de se falar do que se leu (não de qualquer modo) e de se mostrar leitor (tendo sempre um livro à mão, fazendo sempre referência a livros e autores, retratando-se em imagens (pinturas, fotos) com livros, cujas poses variam de um grupo a outro e ao longo da história).

Esses consensos, e sua circulação na cultura brasileira, remontam a um imaginário que, segundo Márcia Abreu (2001a; 2001b) difunde-se principalmente no final do século XVIII e ao longo do século XIX, tributário de uma cultura burguesa europeia em que nos espelhamos e que desde sempre serviu de parâmetro para a constituição de nossa identidade, na qual o diletantismo dispunha então de muito privilégio sociocultural. Esse diletantismo, restrito a uma elite, fruto do tempo ocioso, e relacionado ao exercício exclusivamente intelectual e/ou de fruição artística, era visto como uma qualidade em si, como um valor sociocultural e como uma prática distintiva dos sujeitos, em especial numa sociedade escravocrata e herdeira de um imaginário de divisão do trabalho intelectual e do trabalho braçal, de prestígio do primeiro e desprestígio do segundo, a partir da qual grande parte de nossas hierarquias sociais e culturais se formam e se mantêm ao longo da história. A leitura de livros desempenhou importante papel como símbolo dessa distinção e, no interior dessa cultura burguesa do diletantismo, constituiu-se grande parte daquilo que sabemos, acreditamos, dizemos e mostramos de nós brasileiros como leitores hoje. Assim, a ostentação da condição de leitor e a condenação e estigmatização de sua ausência são explorados na construção da imagem de certos sujeitos, entre eles aqueles cuja exposição pública desempenha papel importante na condução de suas atividades.

A breve análise que aqui propomos é um exemplo do uso do valor simbólico da leitura na promoção ou crítica de indivíduos, em específico, na qualificação ou desqualificação de personalidades políticas de relevo no Brasil. Numa rápida busca pela internet, por dois ou três buscadores distintos, das palavras 'político/política' e 'leitura/leitor', são vários os exemplos de textos de gêneros e origens digitais variados, dos quais temos trabalhado com aqueles referentes exclusivamente aos presidentes FHC, Lula e Dilma. Dos dois primeiros são muitos os textos que

abordam sua condição de leitores, enquanto desta última apresentam-se em menor número. No caso de FHC, a exploração da imagem de leitor erudito é bastante recorrente, enquanto no caso de Lula, a maioria das referências é derrisória. A título de exemplo do tipo de análise que empreendemos, no presente trabalho, selecionamos apenas um texto, que se refere a Lula, publicado sob a forma de *post* em *blog*, em cujas declarações sobre essa prática encontram-se manifestos discursos predominantes no nosso cenário histórico-cultural sobre a leitura, e que são empregados para subsidiar certos dizeres sobre políticos (leitores e não-leitores).

Graças a sua condição de produção e circulação digital relativamente nova, desinstitucionalizada, informal, e popular, pululam textos que se valem da força desses discursos eufóricos sobre a leitura para construir e reforçar traços (positivos ou negativos) do caráter, da figura e das ações de políticos brasileiros. O exemplo de que nos ocupamos aqui é o da representação de não-leitor explorada em relação ao ex-presidente Lula, manifesta no *post* publicado no *blog* intitulado “Marli Gonçalves: aqui você encontra tudo e muito mais”³ de 29 de abril de 2013⁴.

³Disponível em: <<http://marligo.wordpress.com/tag/lula-lendo/>>. Consulta em 10 de Fev. 2014.

⁴ Neste texto apresenta-se a breve análise de apenas um *post* dos vários que constituem nosso *corpus* da atual pesquisa, cuja análise parcial foi publicada recentemente no texto intitulado *Representações da leitura e seu uso na construção de ethos na política brasileira*. In: Anais do 18º COLE. Campinas. Edição especial da Revista **Linha Mestra**: Leituras sem margens. Ano VIII, n. 24, Janeiro a Julho de 2014, (p. 2167-2170). Reiteramos que para apresentação oral do trabalho, assim como para a versão final que enviaremos para as Atas do evento, constarão as análises de pelo menos um *post*, representativo dos valores ligados à leitura, do ex presidente FHC, e da atual presidente, Dilma Rouseff. A título de ilustração de outros *posts* que constituem nosso *corpus*, conferir em: <<http://vespeiro.com/2010/05/31/portugal-telecom/>>, consulta em 15 de Fev. 2014; <<http://www.florianopesaro.com.br/orgulhodeserpolitico/tag/fernando-henrique-cardoso/>>, consulta em 30 de abril de 2014; <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/historia-em-imagens/dilma-nao-sabe-nem-o-nome-do-livro-que-esta-lendo/>>, consulta em 10 de Dezembro de 2014.



Figura 1: Fotomontagem

Trata-se de uma fotomontagem baseada em um quadro de uma propaganda audiovisual da instituição bancária, Caixa Econômica Federal, que circulou amplamente no Brasil, cujo tema enfatizava a importância e a singularidade do momento em que uma criança bem pequena demonstrava ter aprendido a ler de forma autônoma e espontânea, para a alegria e surpresa de toda a sua família que se encontrava no carro com ela. A criança chama a atenção de sua irmã e de seus pais quando demonstra decodificar sistematicamente as sílabas do nome “Caixa”, à medida que passava em frente de prédios dessa instituição.

Exploram-se, de forma bastante derrisória, nessa fotomontagem, duas críticas ao ex-presidente Lula, ambas constantemente reiteradas na mídia brasileira⁵.

A primeira delas reitera e condena o gosto de Lula por bebidas alcoólicas e, dada sua origem popular, citam uma bebida também humilde, referem-se a uma bebida muito acessível e que revelaria a condição socioeconômica de seus consumidores. Pela falta de prestígio da maioria de seus consumidores, o gosto pela cachaça sinalizaria a origem humilde como traço disfórico que revelaria, por extensão, a falta de gosto ou o mau gosto do ex-presidente, além de, pela reiteração disso, produzir a construção de uma imagem cujas práticas não seriam condizentes com suas funções e figura públicas.

⁵Cf. Curcino (2011).

A segunda crítica reitera e condena de forma derrisória o grau de escolaridade formal do ex-presidente, em especial se comparada com a de seus antecessores nesse cargo político. Tratado muitas vezes em vários dos posts de blogs na internet como analfabeto, nessa fotomontagem explora-se a comparação entre o ex-presidente e uma criança que estaria aprendendo as primeiras letras. O ex-presidente é retratado lendo de forma caricatural, porque silabada e primária, e, cuja pouca competência com o código escrito se manifestaria ainda pela representação gráfica de uma ‘pronúncia’ estereotipada e pela representação da escrita ortograficamente equivocada da palavra ‘cachaça’, escrita com o acréscimo de um ‘i’, de modo a sinalizar o que seria um traço típico da pronúncia de certos grupos sociais de menor prestígio, e com o emprego de ‘x’ e não ‘ch’, conforme recomendaria a ortografia oficial. No desejo de produzir um efeito disfórico, aquele que elabora o texto produz um uso estereotipado que não ocorre no uso da língua portuguesa no Brasil. Tendemos a produzir a monotongação neste contexto fonético, suprimindo o som da segunda vogal “i”, mas não o seu acréscimo. Outro traço explorado para produzir a derrisão é o do emprego do desvio ortográfico que indicaria o não saber ler, não saber falar e o não saber escrever. Assim, para a crítica a uma personalidade política é a competência de leitura que é trazida como mote para a alusão a essas características depreciativas que lhe foram atribuídas.

Podemos constatar na formulação desse *post* uma representação da leitura específica: aquela que a relaciona à mera capacidade de decodificação do código da escrita. A referência à leitura como decodificação é normalmente explorada quando se quer demonstrar a sua aquisição precária, ou seja, quando se quer enfatizar que aquele que lê não domina o básico: a fluência na decodificação e no reconhecimento das normas da escrita. A reprodução de um desvio ortográfico (‘x’ no lugar de ‘ch’) reforçaria o traço disfórico que visa indicar a falta de ilustração do ex-presidente, em conjunto com a simulação da pronúncia inadequada à norma padrão do português. Essa relação entre escrita e leitura (ortografia e decodificação) é explorada em vários outros *posts* em blogs de notícias (institucionais ou pessoais) que fazem referência ao ex-presidente em sua condição de não-leitor, e desdobrada nos comentários de internautas acerca da postagem.

Essa postagem que traz Lula lendo, e que se vale da leitura (ou da não-leitura) para construir ou reforçar uma imagem negativa do homem político, assim como de uma autoimagem positiva daqueles que denunciam a falta, a carência, é uma das fontes para acessarmos a um certo imaginário que compartilhamos como sociedade sobre a leitura. A força de verdade desse discurso liga-se à sua reprodutibilidade, à sua reiteração em diversos meios, textos, assumidos por posições sujeito relativamente distintas (jornalistas, blogueiros, amantes da literatura etc.) que se assemelham por se colocarem no lugar contrário àquele de quem fazem a crítica, em relação à prática de leitura. Essa força é constituída por sua remanência e pela posição cultural hierarquizada dos sujeitos que assumem esse discurso que norteia grande parte de nossas afirmações, avaliações, julgamentos, dessa prática e dos sujeitos que a atualizam (ou não, tal como deveriam segundo esse imaginário predominante).

Por seu valor sociocultural historicamente estabelecido, a leitura é concebida como prática distintiva dos indivíduos, que transferiria para aquele que se afirma leitor ou de quem se afirma ser leitor o prestígio histórico, os valores simbólicos que lhe foram agregados. Assim, como prova incontestada de competência intelectual, e afastada das práticas de menor prestígio ligadas ao caráter braçal, a posse de livros, a pose com livros, a leitura de certos livros agregariam ao perfil do sujeito que se mostra leitor essa competência intelectual.

A exploração desses discursos sobre a leitura é constante e profícua quando o objetivo é produzir distinção e estigmatização de certos sujeitos. Na política ela é explorada com frequência, por sua força em reiterar outros traços que se quer atribuir àquele que lê ou àquele que não lê: sua capacidade intelectual, sua competência administrativa etc. Embora sejam atribuídos esses traços, a leitura não deveria ser vista como uma prática que, por si só, goze de valor estético ou moral, seja boa em si mesma, emancipadora, atestadora de outras qualidades eufóricas daquele que lê⁶. A leitura, diferentemente, é uma ação transitiva, cujo objeto de leitura, os usos que dela fazemos, os modos como e as razões pelas quais a promovemos, e os discursos que sobre ela reiteramos deveriam ser fonte de

⁶Cf. Soares (s/d); Britto (1999).

esclarecimento, abertura cultural e compromisso com o seu ensino em nome de uma formação cidadã mais ampla, justa e efetivamente democrática, e não formas de estigmatização e distinção social herdeiras de discursos que remontam a um passado que já não mais condiz ou não deveria condizer com quem somos hoje. É a falta de clareza sobre o funcionamento dos discursos, e de sua força em relação às práticas, que perpetua a distinção e que torna a leitura um de seus instrumentos de estigma e não uma prática potencialmente emancipatória e politicamente democratizante. Por essa razão, é fundamental que tomemos a leitura em sua condição histórica, cultural, ou seja, discursiva, que analisemos os discursos sobre essa prática, suas formas de circulação e as posições sujeito assumidas por aqueles que enunciam.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, M. (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, (p. 139-157), 2001a.

ABREU, M. *Diferentes formas de ler*. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, 2001b. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em 04 Fev. 2011.

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2005.

ANGENOT, Marc. *Dialogues de sourds. Traité de rhétorique antilogique*. Paris: Mille et une Nuits, collection Essais, 2008.

BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* RJ: Objetiva, 2007.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. RJ: Argus, 1999.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.) [1997]. *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. [1982]. *Metamorfoses do Discurso Político – Derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.

CURCINO, L. Princípios de não-homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia. In: *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo,

40 (3): p. 1398-1407, set-dez 2011. Disponível em:
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t18.red6.pdf>.
Acesso em: 12 de Jul. 2012.

FOUCAULT, Michel [1971]. *A ordem do discurso* – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SOARES, M. *Ler, verbo transitivo*. Disponível em
<<http://www.leiabrasil.org.br/index.php?leia=texto&id=443>>